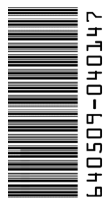


M+Arte

ed. 01



especial **mam**

exemplar **gratuito**



M+Arte

**Edição especial de Maio - Museu de Arte Moderna de São Paulo
Museu Dançante**

Redação

Ana Luiza Rodrigues - Bruna Matos Martins - Giovana Meneguim - Nathália Zagari

Fotos

Bárbara Ferlin - Bruna Matos Martins

Diagramação

Bárbara Ferlin - Laura Ribeiro

Editoria

Ana Luiza Rodrigues - Bárbara Ferlin - Bruna Matos Martins - Giovana Meneguim - Laura Ribeiro - Nathália Zagari

Universidade Presbiteriana Mackenzie
Jornalismo - Terceiro Semestre
História da Arte e Cultura
São Paulo - SP
2015

Sumário

Editorial	4
Obras Dançantes	5
Cortinas Que Exploram as Sensações Humanas	7
Pauta na Mesa	8
Museu ao ar Livre	11
Flores da Imaginação	15
A Ironia do Palhaço	16



Editorial

O Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), localizado no Parque do Ibirapuera, é famoso por abrigar exposições intrigantes, porém temporárias. Atualmente, está em cartaz a exposição Museu Dançante, que foi prorrogada até o dia 21 de Junho.

As 38 obras em exibição exploram os mais variados sentidos do corpo e da mente humana. Os trabalhos artísticos espalhados pelas salas do MAM fazem com que o visitante interaja com o museu de uma forma única. Aliás, essa é a proposta da exposição: obras que dialoguem com os movimentos feitos pelo corpo humano.

Nesta edição da revista MARTE, você vai conferir desde os detalhes do harmonioso e relaxante Jardim das Esculturas do MAM - composto por obras dos mais variados artistas brasileiros, como, por exemplo, a famosa obra de Amilcar de Castro, Carranca, que, em 2013, demandou uma reforma por conta da ação do tempo - às peculiaridades do interior do museu, que recebe, atualmente, uma exposição que promete mudar a concepção de arte do público.

Nossa equipe selecionou algumas das mais expressivas obras para fazerem parte do conteúdo desta edição. Você ficará por dentro de tudo que está rolando no MAM. Que tal um palhaço irônico e sombrio? Ou uma mesa alongada escalando a parede? Que entrar no mundo do subconsciente através de Refletwo? Topa uma dança com as cortinas de alumínio que exploram as múltiplas sensações?

O Museu Dançante ainda oferece ao público performances dos bailarinos da São Paulo Companhia de Dança (confira os horários no fim dessa revista). O clima é descontraído e totalmente lúdico, assim, o público desfruta de uma experiência íntima do universo artístico.

A equipe da MARTE espera que você tenha uma excelente experiência no Museu Dançante!

Obras Dançantes

Se o seu conceito de museu é o de um espaço estático, tranquilo, cheio de quadros que estão longe da realidade, a atual exposição intitulada “Museu Dançante”, no Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo pode mudar isso. A mostra promete democratizar o acesso à arte através de uma experiência multissensorial, interativa e dinâmica, que trabalha com os conceitos de gravidade, desequilíbrio e flutuação, procurando discutir pontos comuns entre o mundo a dança e das artes visuais. Nada de obras estáticas! São 38 obras que brincam com o espectador e fazem a imaginação fluir e o campo da interpretação ganha novas perspectivas. As palavras de ordem são movimento e dança que se torna explícita, não apenas nas obras que trabalham com o caráter dimensional, mas também na atuação dos bailarinos da São Paulo Companhia de Dança (SPCD).



Eles interagem com as obras, em apresentações com duração de 30 minutos, por meio de coreografias que exploram o potencial imaginativo que as obras de arte oferecem. Gravidade e equilíbrio (ou a sua ausência) não são mais a mesma coisa aos que acompanham a exposição juntamente com a apresentação dos bailarinos, montada de forma tão exata que parece ser comandada

pelo que se encontra no Grande Salão. Entre saltos, giros e piruetas não é raro perceber o seu corpo se movimentando junto com a música, mesmo que involuntariamente. É contagiante! A vontade de tocar as peças é tamanha que acabamos nos esquecendo de que estamos dentro de um museu e não em uma sala de brinquedos, mesmo que algumas possam de fato ser tocadas pelo pú-



blico. Afinal, quem disse que um museu não pode ser espaço de diversão?

A diversão e o clima descontraído são acompanhados por obras que nos causam interpretações, sensações e reações diferentes para cada um. Tudo se torna muito próximo de nós, a arte é vista e sentida através dos olhos, ouvidos e mãos. O significado individual de cada obra torna-se muito mais possível quando o objeto está em plena interação com quem observa. O espaço é de sonho, imaginação e suavidade. Ao sair do museu, nos deparamos com um jardim cheio de obras instigantes, é impossível que seu dia não melhore e a vontade de voltar outro dia não apareça. Prepare-se para visitar um museu onde a contemplação anda de mãos dadas com a dança, a música, a textura, o relevo e a descontração. A exposição,

que duraria até o dia 20 de março, foi prorrogada até o dia 21 de junho, para os que querem apreciar um espetáculo que mistura movimento e arte. com quem observa. O espaço é de sonho, imaginação e suavidade. Ao sair do museu, nos deparamos com um jardim cheio de obras instigantes, é impossível que seu dia não melhore e a vontade de voltar outro dia não apareça. Prepare-se para visitar um museu onde a contemplação anda de mãos dadas com a dança, a música, a textura, o relevo e a descontração. A exposição, que duraria até o dia 20 de março, foi prorrogada até o dia 21 de junho, para os que querem apreciar um espetáculo que mistura movimento e arte.

Bárbara Ferlin

exploram as

sensações humanas

A exposição Museu Dançante, no Museu de Arte Moderna (MAM), consegue despertar experiências novas e diversas nos visitantes. Todavia, é ao atravessar as três cortinas constituídas por correntes de alumínio e molduras de aço que a exposição deixa um toque de magia naqueles que passam por ali. Daniel Steegman, autor da obra, elaborou a interativa obra de forma que cada correntinha tem uma cor e um formato distinto da outra, o que contribui para as sensações de encanto e curiosidade causadas no visitante.

As cortinas ganham vida e movimentos únicos cada vez que alguém as transpassa para conhecer as sessões do Museu Dançante. Desse modo, a obra contribui para que a exposição seja totalmente dinâmica e imprevisível, visto que é impossível prever o rumo que os cordões irão tomar. Além disso, o fato de cada véu de metal possuir

um aspecto divergente colabora para garantir que o público do MAM seja tomado pela sensibilidade do movimento.

Numa primeira impressão, o ambiente pode parecer bastante “clean” e até mesmo sem graça. Entretanto, a visão da primeira cortina de alumínio desperta interesse no olhar de quem visita a mostra e faz com que a exposição passe a ter um “que” de mistério e fluidez. Tal concepção pode ser atestada quando as outras duas cortinas passam a fazer parte do campo de visão do público. A atmosfera é preenchida por um jogo de cores, luzes e movimentos, fazendo com que as sessões ganhem uma identidade própria e momentânea.

Além das sensações de fluidez, como o movimento das ondas no mar, criadas nos ambientes, a presença das correntes de alumínio gera

uma musicalidade na exposição. Ao observar as demais obras, o visitante é surpreendido com o suave tinir das correntes de metal, como sinos distantes e místicos. Ao caminhar pela exibição, um visitante contribui involuntariamente para a experiência do outro dentro do museu.

Logo, a obra de Daniel Steegmann também propicia, de certa forma, ao público do MAM a impressão de se estar em um palco e ser protagonista de um espetáculo próprio e individual. Isso pelo simples fato de que um indivíduo não irá ter a mesma vivência que o outro no Museu Dançante, e vice-versa. Cada pessoa irá receber os diversos truques de interatividade da exposição de uma forma e lidará com isso em seu íntimo de um modo exclusivo.

Para a realização das coloridas cortinas de alumínio, Mangrané buscou inspiração nas obras de Lina Bo Bardi. É notável que os três elementos que fazem parte da mostra são dotados de um toque de suavidade, leveza e flexibilidade, bem como as obras da arquiteta modernista. Contudo, não é somente com os conceitos presentes nas obras de Bo Bardi que as cortinas se assemelham, mas também com a atual proposta do Museu de Arte Moderna: um museu dançante.



Pauta na Mesa

Ana Luiza Rodrigues

O paulista Edgard de Souza é reconhecido como um dos artistas mais representativos de sua geração. Formado pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), onde conviveu com grandes nomes da arte, é escultor, pintor, desenhista e gravador. Desde 1980, Edgard vem construindo um conjunto de obras. O fato de ter estudado com Nelson Leiner nos tempos de faculdade foi de grande contribuição para que ele se aproximasse da arte conceitual nos anos 80. Suas obras são, sobretudo, esculturas, mas também contam com objetos tridimensionais, fotografias, pinturas e desenhos. Desde a década de 90, participa de muitas mostras importantes tanto no Brasil quanto no exterior. Deixou a sua marca no Museu de Arte Moderna (MAM) com um objeto um tanto intrigante: uma mesa. Ora, mas uma mesa? Uma mesa para sentar e conversar? Para comer? Para jogar baralho? Uma mesa no museu? Isso é arte? Perguntas assim surgem quando um objeto tão comum é colocado ao lado de uma plaquinha com autor e data.

A obra de Edgard exposta no MAM não possui título, mas ficou conhecida como Mesa Alongada. Trata-se de um objeto que nos é apresentado de forma inusitada e até irônica. Não há nada de funcional e óbvio na mesa em si. Trata-se de uma mesa constituída apenas de madeira. Entretanto, dois de

seus quatro pés estão fixados a uma parede, esticando a mesa e fugindo totalmente do esperado e comum. É um pleno exemplo da descontextualização de um objeto cotidiano, que está constantemente presente nas obras do artista. Se deixar a imaginação florescer, dá para enxergar uma mesa com vida prestes a escalar a parede do museu!

Lembrou de alguma obra? Isso mesmo, "A Fonte", de Duchamp! O inventor do conceito de ready made costumava transportar um elemento da nossa rotina e transformar o seu significado usual. Não há interpretações fixas a respeito do objeto. Criada em 2010, traz consigo um caráter aberto e completamente mutável. Com a mesa, Edgard busca desestruturar conceitos sobre a arte, apresentando um olhar novo sobre coisas, formas e objetos que estão em nosso cotidiano, construindo novos sentidos e significados. O significado e liberdade de interpretar estão em suas mãos.

Uma das particularidades da obra de Edgar está justamente aí: as obras parecem ser construídas na contramão da dita e atualmente famosa "contemporaneidade". O trabalho trazido pelo artista parece pairar sobre a subjetividade contemporânea, trazendo consigo uma grande discussão à tona: o que é o "moderno" e o que é o "contemporâneo"?





Fachada do MAM, grafite de Os Gêmeos

MUSEU AO

Jardim das

É impossível visitar o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) e não parar por, pelo menos, uns cinco minutinhos para observar o magnífico Jardim das Esculturas. É, literalmente, um espetáculo à parte. Projetado por Roberto Burle Marx em 1993, conta com 6.000 metros quadrados de gramado e 30 obras que circundam o museu.

Um dos atrativos mais interessantes é justamente a versatilidade e dinamismo: nada de formalidade ou muito concreto, as obras ficam expostas ao ar livre e o visitante sente-se mais confortável em uma atmosfera tão irreverente. As obras dispostas no jardim – todas permanentes e elaboradas por artistas brasileiros – trabalham com o nosso senso de tridimensionalidade, movimento, cores (ou a ausência delas) e nos instigam a interagir. É difícil caminhar por ali e não tocar as obras, sentir a textura com as próprias mãos e até mesmo imaginar como foram construídas. Uma visita por ali é um belo exemplo de experiência multissensorial: enquanto sente o relevo das pedrinhas ao caminhar, você sente o cheiro de grama, escuta o som de alguns passarinhos e risadas de patinadores e observa as esculturas. Artistas como Amílcar de Castro, Carlos Fajardo, Nuno Ramos e Elisa Bracher deixaram sua marca ali e intrigam dia após dia a imaginação, percepção e lógica do espectador.

O espaço consegue chamar a atenção de todas as faixas etárias. Caminhando por ali em um final de semana, tem desde crianças, que provavelmente não entendem o conceito da obra, até idosos comunicando-se com as criações. Obviamente, tem gente que fica sem entender o significado daquele objeto que está na sua frente, mas a graça está justamente aí! Você não precisa, necessariamente, ter conhecimento anterior ao momento da observação para poder desfrutar da experiência... Você imagina, você cria o seu próprio significado. A



1



2

AR LIVRE

Esculturas

liberdade está em suas mãos e, vamos combinar, um ambiente tão gostoso dá uma forcinha extra para a sua criatividade, não?

A proposta foi muito feliz em criar um casamento tão perfeito entre o que é natural e o que é criação do homem. As formas retorcidas ou retas, o material das esculturas e até mesmo a ação do tempo diretamente sobre as peças tornam a arte muito democrática e muito próxima do nosso acesso. Às vezes, pegamo-nos perguntando se aquele objeto ali do lado é ou não obra de arte. Você pode se deparar com a obra "Carranca", de Amilcar de Castro, e perceber que ela é feita do mesmo material que a coluna do seu escritório de trabalho, mas, com certeza, vai encará-la de uma forma totalmente diferente. Pode também olhar para as "Sete Ondas", de Amélia Toledo, e lembrar-se do escorregador do parquinho do seu prédio ou então daquele ano-novo na praia. A questão é que a obra já criada é capaz de criar. É capaz de criar um significado para si e também um significado para o mundo que já conhecemos. A arte cria a si e cria um novo mundo, ou vai dizer que não parou uns segundos na coluna do seu escritório para observar melhor depois de visitar o Jardim das Esculturas?!

Em dezembro de 2013, o jardim passou por uma revitalização. Obras que sofriam erosão devido à ação do tempo foram restauradas e um novo sistema de iluminação foi instalado, que conta com luminárias, projetores e postes, já que o Parque do Ibirapuera fica aberto 24h aos finais de semana. Agora, durante a noite, o jardim é iluminado, as obras ficam em destaque e, assim como o ambiente muda, os significados também. A experiência é sempre única e exclusiva a cada visita, desafiando o observador a criar seus próprios conceitos e significados para a modernidade e contemporaneidade.



3



4

1. Emanuel Araujo, *Aranha*, 1981
2. Angelo Venosa, *Sem Título*, 1997
3. Luiz Hermano, *Laminescate*, 1991
4. Lélío Coluccini, *A Caçadora*, 1944





Flores da Imaginação

Doadas ao Museu de Arte Moderna (MAM) pela artista japonesa Haruka Kojin - conhecida por suas criações sempre muito coloridas e repletas de sobreposições que encantam seus espectadores - a obra "Refletwo, 2008" faz parte das 38 obras do acervo do museu escolhidas, especialmente a dedo, para integrar a mostra "Museu Dançante".

Nesta nova exposição em parceria com a São Paulo Companhia de Dança (SPCD), todas as peças selecionadas exploram aspectos da dança e do movimento e estão distribuídas pelo espaço da Grande Sala.

Ao deparar-se com Refletwo, é impossível não parar por alguns momentos diante dela e apreciá-la. Composta por recortes de flores coladas sobre acrílico, a explosão de cores vibrantes causa no espectador diversas sensações, fascinando quem observa. Ter a impressão de já ter visto aquela imagem em algum momento da vida é uma delas, afinal, a artista usou como inspiração os buquês e pétalas falsos. Mesmo inspirada em flores artificiais, a beleza da obra surpreende. Vira e mexe alguém se aproxima e solta um "Linda!" seguido de um suspiro.

A obra parece ter sido construída em 3D quando vista de frente. Quem está bem perto dela, por alguns segundos, sente viver dentro de um sonho, algo teletransporta a nossa imaginação para algum lugar divino e com música suave. Isso acontece porque as colagens são grandes e as cores infinitas e harmoniosas entre si, se embaralhando em nosso subconsciente e transmitindo a ideia de céu pela posição dos pontos de luz, a obra parece flutuar.

Além disso, nos desorienta com seu "efeito de espelho": em certos momentos as flores parecem ser repetidas de forma simétrica, contudo, ao realizar uma análise minuciosa, o visitante percebe que cada uma delas é única e tem a sua própria aura.

"Reflectwo" causa um efeito diferente de percepção e criação também quando vista de mais de longe. Uns conseguem enxergar nas flores o desenho de dois pássaros vistos de cima - cada um voando para um lado com as asas abertas -, outros imaginam dois peixes e alguns deixam a imaginação ir tão longe que enxergam um peixe à esquerda e uma menina à direita.

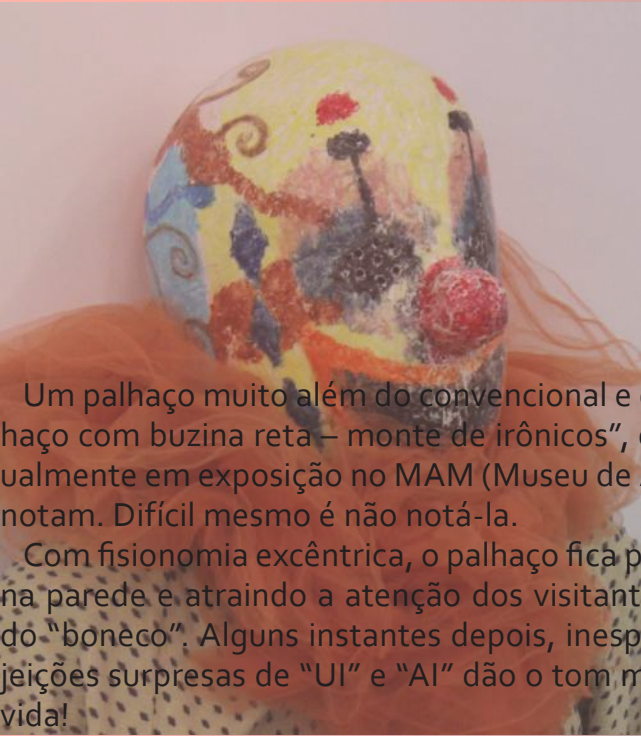
A "obra das flores", como é chamada pelos visitantes em conversas informais, não está na mostra à toa: ela parece se movimentar, impressão pela qual a profundidade construída milimetricamente é responsável. Há uma interação entre os bailarinos e as flores nos momentos de apresentação. Elas parecem quebrar a gravidade, serem livres, soltas, assim como a dança. O conjunto é perfeito.

O encanto se quebra quando a curiosidade de saber como foi construída a obra nos atinge. Este é o momento em que todos os espectadores seguem adiante e resolvem olhá-la pela lateral. Também ficou curioso de como ela é composta e qual é a sensação de quando voltamos à realidade? Descubra em uma visita emocionante ao MAM.

Nathália Zagari

A Ironia

do Palhaço



Um palhaço muito além do convencional e daquilo que os olhos podem ver. A obra intitulada “Palhaço com buzina reta – monte de irônicos”, da mineira Laura Lima, criada no ano de 2007, está atualmente em exposição no MAM (Museu de Arte Moderna) e desperta a curiosidade de todos que a notam. Difícil mesmo é não notá-la.

Com fisionomia excêntrica, o palhaço fica paralisado, sentado com as pernas esticadas, encostado na parede e atraindo a atenção dos visitantes, que, curiosos, param para observar qual é a graça do “boneco”. Alguns instantes depois, inesperadamente são surpreendidos por uma buzina. Interjeições surpresas de “Ui” e “Ai” dão o tom musical do ambiente. Não é um boneco! O palhaço tem vida!

A obra funciona da seguinte forma: um homem fantasiado de palhaço tem o papel de retratar a ironia e despertar o senso de espanto e emoção de quem observa. A situação explicita um lado assustador na famosa figura do palhaço. Sempre ligado às sensações de alegria e risada, o personagem dá um susto em quem está quietinho, apenas observando os detalhes da obra bem de perto.

O rosto do palhaço é colorido por tons fortes, totalmente furado e manchado, transformando uma figura tão associada à diversão em uma personalidade com aspecto sinistro e transmitindo de forma muito satisfatória a ironia proposta pela autora. Já o traje da figura carrega tons em creme e azul escuro, cores que nos remetem à falta de alegria e ao tédio, proporcionando sensações plurais, como a monotonia e insipidez.

Ao primeiro olhar e contato com o palhaço, a reação de quem espia é de muito interesse; as pessoas vão, aos poucos, chegando perto da obra, com certa suspeita, se perguntando o significado daquele corpo em meio às outras obras da exposição. São diversas as reações quando a buzina toca e o inesperado surge. A pergunta que ronda as pessoas que analisam o palhaço é a seguinte: quem é o palhaço nessa história?

Laura Lima já nos deu uma dica do que estava por vir em um trecho do nome da obra: “um monte de irônicos”. O palhaço é capaz de nos levar a refletir a respeito das ironias presentes constantemente em nossa rotina e relações sociais. Com a marca de um sorriso pouco natural e bastante perverso, a face faz-nos lembrar das máscaras sociais que estamos acostumados a encontrar todos os dias. Lembramos de pessoas que estão sempre preocupadas em viver de acordo com os padrões impostos por uma sociedade impiedosa. Lembramos que, muitas vezes, por trás de um sorriso e uma figura alegre, podemos encontrar um poço de tristeza e insatisfação pessoal.

Laura Lima traz, juntamente com o palhaço, a crítica, uma vez que notamos e analisamos mais a fundo o fato de que vivemos em meio a uma sociedade de sentimentos disfarçados e, muitas vezes, simulados. Uma sociedade cheia de máscaras. A medida que as pessoas se assustam ou simplesmente se surpreendem ao encarar um palhaço fora de qualquer padrão esperado, somos capazes de nos colocarmos a refletir profundamente a respeito do nosso círculo social e as “leis” sorrateiramente impostas, tal como o nosso próprio papel diante da sociedade em que vivemos.







HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO DO MUSEU

Terça a Domingo, 10h - 18h
Bilheteria: até 17h30